



**Políticas Públicas  
na Educação Brasileira**  
Avanços, Limites e Contradições

**Atena Editora**

 **Atena** Editora  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

**Ano  
2018**

Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO  
BRASILEIRA: AVANÇOS, LIMITES E  
CONTRADIÇÕES**

---

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: avanços, limites e contradições / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.  
242 p. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 12)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-93243-86-8  
DOI 10.22533/at.ed.868182604

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.  
I. Série.

CDD 379.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO I**

A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍDIA NA PROBLEMATIZAÇÃO DA MORTE –  
EVIDENCIANDO UM PARADOXO HUMANO

*Angela Morais da Silva*..... 6

### **CAPÍTULO II**

AVALIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO MEDIO: UMA ANÁLISE SOBRE O  
CONTEÚDO DO SISTEMA CARDIOVASCULAR

*Isabel Joane do Nascimento de Araujo e Paulo Augusto de Lima Filho* ..... 17

### **CAPÍTULO III**

COMO ESTUDANTES DO PRIMEIRO PERÍODO DO DIREITO GEREM SEU TEMPO? UMA  
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DA TRÍADE DO TEMPO DE CHRISTIAN BARBOSA

*Adair José dos Santos Rocha e Cláudia Madrona Moreira Haas* ..... 29

### **CAPÍTULO IV**

CULTURA E SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA EM HOMEOPATIA POPULAR

*Germana Lima de Almeida, Danielle dos Santos Costa e Geovânia da Silva Toscano*  
..... 46

### **CAPÍTULO V**

EDUCAÇÃO CINEMATOGRAFICA CATÓLICA NO COLÉGIO REGINA COELI, EM LIMOEIRO-  
PE, NA DÉCADA DE 1950: ALGUNS APONTAMENTOS.

*Haroldo Moraes de Figueiredo, Lara Colognese Helegda e Marcelo Manoel Melo de  
Lima*..... 57

### **CAPÍTULO VI**

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO BASE PARA UM PRÉ-NATAL DE QUALIDADE: UMA  
REVISÃO INTEGRATIVA

*Elaine Viviane da Silva, Gabriela Gerlaine Tabosa da Silva e Luciene Peixoto da Silva*  
..... 70

### **CAPÍTULO VII**

EDUCAÇÃO INTEGRAL: CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO HUMANA EM DISPUTA

*Raphael Mota Guillarducci* ..... 78

### **CAPÍTULO VIII**

EDUCAÇÃO POPULAR E PEDAGOGIA FREIREANA: CONTRIBUIÇÕES DOS ANOS 60 PARA  
A ATUALIDADE

*Kelyana da Silva Lustosa*..... 91

## **CAPÍTULO IX**

EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E PROTAGONISMO JUVENIL: UM ESTUDO A PARTIR DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO CEARÁ  
*Francisco Mário de Sousa Silva, Luiza Maria Valdevino Brito, Ademar Maia Filho, Maria Ayrilles Macêdo e Zuleide Fernandes de Queiroz*..... 103

## **CAPÍTULO X**

EMBATES ENTRE A MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – EM BUSCA DE DEMARCAÇÃO DE LIMITES DE ÁREAS.  
*Luiz Fernandes da Costa* ..... 114

## **CAPÍTULO XI**

ENGAJAMENTO ESCOLAR E SEU PAPEL NA PROMOÇÃO DO BOM DESEMPENHO ACADÊMICO  
*Deliane Macedo Farias de Sousa* ..... 127

## **CAPÍTULO XII**

ENTRE O DIALÓGICO E O EMOCIONAL NAS ABORDAGENS EDUCATIVAS SOBRE O USO DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS  
*Francisco José Figueiredo Coelho, Priscila Martinhon-Tamiasso e Célia Sousa*... 138

## **CAPÍTULO XIII**

INFÂNCIA E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DA INFÂNCIA.  
*Ariane Crociari e Marcia Cristina Argenti Perez* ..... 147

## **CAPÍTULO XIV**

INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
*Maria Ayrilles Macêdo, Francisco Mário de Sousa Silva, Ademar Maia Filho, Luiza Maria Valdevino Brito e Zuleide Fernandes de Queiroz* ..... 156

## **CAPÍTULO XV**

O INSTRUTOR DE CONDUTORES DE VEÍCULOS: UM AGENTE DE LETRAMENTO PARA O TRÂNSITO  
*Klébia Ribeiro da Costa e Ana Maria de Oliveira Paz* ..... 170

## **CAPÍTULO XVI**

O PEDAGOGO HOSPITALAR: ATUAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES  
*Antonio Jose Araujo Lima e Ronaldo Silva Júnior* ..... 182

## **CAPÍTULO XVII**

PERCURSO HISTÓRICO DO AUTISMO INFANTIL PARA A PSICANÁLISE E PARA A PSIQUIATRIA  
*Jaqueline Tubin Feira e Giseli Monteiro Gagliotto* ..... 194

## **CAPÍTULO XVIII**

PROJETO DE MANEJO DA ARBORIZAÇÃO PARA O ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL NO  
CAMPUS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ – SANTO ANDRÉ, SP  
*Luísa Ameduri e Dagmar Santos Roveratti* ..... 207

## **CAPÍTULO XIX**

TRABALHO PEDAGÓGICO EM PESQUISA NO ÂMBITO DA LEITURA IMANENTE

*Ciro de Oliveira Bezerra, Luzenilda da Silva Emiliano, Thays Rosa do Nascimento e  
Laura Santos de Oliveira*..... 224

Sobre os autores.....235

# CAPÍTULO I

## A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍDIA NA PROBLEMATIZAÇÃO DA MORTE – EVIDENCIANDO UM PARADOXO HUMANO

---

Angela Morais da Silva

## A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍDIA NA PROBLEMATIZAÇÃO DA MORTE – EVIDENCIANDO UM PARADOXO HUMANO

**Angela Morais da Silva**

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/PR

Francisco Beltrão-PR

**RESUMO:** O presente trabalho se propõe a problematizar a questão da morte na mídia, de modo a evidenciar o paradoxo que esta relação faz aflorar: por um lado, a negação da morte expressa na ausência de espaços para a sua efetiva problematização; por outro, a banalização da morte a partir da superexposição nos mais diversos meios midiáticos. Nesse sentido, cabe ainda, refletir sobre o caráter educativo que os veículos midiáticos incorporam na contemporaneidade, o que leva à pressuposição de que tais dispositivos influenciam fortemente na maneira como o homem moderno lida com a morte. Trata-se de uma pesquisa estritamente bibliográfica, que integra parte do referencial teórico – em desenvolvimento – da pesquisa de mestrado intitulada “Educação para a morte no hospital como estratégia de humanização em saúde”. Utiliza-se a Fenomenologia como aporte teórico-metodológico, por acreditar que tal abordagem possibilita explorar fenômenos humanos em seus aspectos mais peculiares e essenciais. A Fenomenologia aponta uma visão de homem e de mundo totalmente original, a partir da qual homem e mundo compõem um mesmo todo, sendo a percepção considerada pano de fundo para todos os fenômenos humanos e como ponte entre o ser e o mundo. A pesquisa, ainda em desenvolvimento, não permite inferências ou “resultados”. Antes, incita incessantes questionamentos, dentre os quais, o caráter educativo da mídia na problematização da morte e suas implicações, ao passo que corrobora para uma convergência entre educação e tecnologias, como eixos de um mesmo processo de ensino-aprendizagem e entre vida e morte como dois polos de uma mesma existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morte, Mídia, Comunicação, Educação.

### INTRODUÇÃO

O fenômeno da morte intriga, instiga e inspira o ser humano desde o início da história das civilizações, provocando inquietações que o remetem diretamente ao sentido da existência. Desse modo, vida e morte coexistem, integrando um mesmo todo, porém, em polos opostos de existência e inexistência, de ser e não ser-no-mundo.

O modo como compreendemos a vida e a morte é permeado por práticas culturais que incutem em nós formas, mais ou menos, tangíveis de análise e compreensão. Esse modo varia de acordo com o contexto histórico e social, revelando seu caráter eminentemente cultural. Giacoia Júnior (2005) citando Schopenhauer, afirma que a consciência humana e a capacidade, também humana, de elaboração temporal da existência é o que nos possibilita vivenciar a angústia da



finitude. Para o enfrentamento da morte o ser humano desenvolveu, ao longo do tempo, estratégias na busca por respostas que aplaquem o mal-estar e minimizem o medo, na tentativa de representar o irrepresentável. Acrescenta que o homem é “(...) o único animal que sabe por antecipação da própria morte; portanto, ao contrário de todos os outros animais, o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se pergunta pelo sentido de sua existência (...)” (GIOCAIA JÚNIOR, 2005, p.13).

Ariès (1977), ao resgatar a história da morte no Ocidente, refere uma “inversão” no modo de encará-la ao longo do tempo. Da morte na Idade Média como evento público e que afetava consideravelmente a vida das pessoas envolvidas, passamos a partir de meados do século XX, a conceber a morte como uma experiência individual, um processo gradativamente mais solitário e despojado de rituais de simbolização.

Dentre essa variedade enorme de expressões e práticas humanas diante da morte, a contemporaneidade inaugura uma nova via de abordagem e de significação da morte: a mídia. Produto da modernidade e cada vez mais aperfeiçoada e refinada na atualidade, a mídia permeia todas as instâncias da existência humana, desempenhando papel fundamental à medida que forja subjetividades e propaga dispositivos culturais. No que tange à morte, a mídia parece andar na contramão da tendência atual de escamoteamento e de negação da finitude, uma vez que este tema é recorrente nas pautas de todos seus veículos, enunciando a curiosidade e a perplexidade que a morte instiga. Dentre os meios de comunicação midiática, destaca-se a televisão, com sua admirável capacidade de despertar sentidos através de uma enxurrada de imagens. Tal paradoxo humano lança luz sobre o tema em questão, revelando sua pertinência ao promover a interlocução entre comunicação, educação e tecnologia.

No presente trabalho, adota-se a Fenomenologia como referencial teórico-metodológico, por seu arcabouço que favorece a exploração de aspectos existenciais de modo sensível e partindo sempre da experiência. A Fenomenologia constitui-se como escola de pensamento totalmente original especialmente a partir de Edmund Husserl (1859-1938), entre o final do século XIX e início do século XX. Surge como movimento de crítica e resistência ao modelo de ciência positivista que imperava na época e ao qual as ciências humanas e sociais, não raro, se submetiam na busca pelo estatuto de cientificidade que esta corrente parecia fazer emanar. Pela Fenomenologia, Husserl faz um apelo à volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, das coisas mesmas, do modo como se manifestam. Nessa perspectiva, a Fenomenologia se ocupa de descrever o fenômeno, buscando desvelar sua estrutura para, assim, chegar à sua essência. Para tanto, interroga incessantemente o fenômeno observado, propiciando interpretação e, em última instância, novas compreensões acerca do fenômeno sem desconsiderar, no entanto, suas múltiplas possibilidades de vir-a-ser. Rejeita, portanto, modelos explicativos, relações causais, respostas e verdades absolutas, uma vez que concebe a realidade como dinâmica e condicionada à perspectiva da qual é tomada. (COELHO JÚNIOR, 1991; DARTIGUES,

2013; MASINI, 1989;). A partir de uma leitura fenomenológica acredita-se ampliar a compreensão acerca do tema e das inquietações que o mesmo desperta.

Pretende-se nesse breve estudo, problematizar como a morte na mídia evidencia o um paradoxo humano: por um lado, sua deliberada negação numa sociedade que busca incessantemente eternizar a existência e, para isso, nega o envelhecimento e a morte. Por outro, a morte “escancarada”, veiculada por meios de comunicação de massa, de modo apelativo e até mesmo banal. Tal paradoxo traz à tona a dimensão educativa da mídia nos processos de elaboração e enfrentamento da morte, possivelmente representando uma forte influência sobre os modos de encarar esse inexorável fenômeno na contemporaneidade.

## **METODOLOGIA**

A Fenomenologia constitui-se como escola de pensamento totalmente original especialmente a partir de Edmund Husserl (1859-1938), entre o final do século XIX e início do século XX. Surge como movimento de crítica e resistência ao modelo de ciência positivista que imperava na época e ao qual as ciências humanas e sociais, não raro, se submetiam na busca pelo estatuto de cientificidade que esta corrente parecia fazer emanar. Pela Fenomenologia, Husserl faz um apelo à volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, das coisas mesmas, do modo como se manifestam. Nessa perspectiva, a Fenomenologia se ocupa de descrever o fenômeno, buscando desvelar sua estrutura para, assim, chegar à sua essência. Para tanto, interroga incessantemente o fenômeno observado, propiciando interpretação e, em última instância, novas compreensões acerca do fenômeno sem desconsiderar, no entanto, suas múltiplas possibilidades de vir-a-ser. Rejeita, portanto, modelos explicativos, relações causais, respostas e verdades absolutas, uma vez que concebe a realidade como dinâmica e condicionada à perspectiva da qual é tomada. (COELHO JÚNIOR, 1991; DARTIGUES, 2013; MASINI, 1989;)

Tal exercício fenomenológico é factível a partir do método fenomenológico, ancorado em importantes conceitos e aliado à atitude fenomenológica, caracterizada pela abertura para viver a experiência na sua totalidade. Para desenvolver essa atitude, o fenomenólogo precisa procurar isolar concepções próprias, pensamentos predicativos, julgamentos, preconceitos. A compreensão de qualquer ato humano demanda um exame apurado da plenitude de sua significação, articulando características que lhe são próprias e as unidades ou estruturas que compõem a totalidade da experiência.

A fenomenologia não distingue o sujeito que conhece do objeto que se dá a conhecer. Desse modo, a consciência é sempre consciência de alguma coisa e o objeto é sempre objeto para uma consciência. Nesse sentido, sujeito e objeto são indissociáveis, de modo que uma instância só existe na presença da outra. Trata-se de uma relação, uma ligação substancial. Somente uma atenta análise das vivências intencionais da consciência possibilita conhecer o processo pelo qual se construiu

os sentidos do fenômeno para, finalmente chegar à sua essência, que significa perpassar a mera representação.

Ponto fundamental da fenomenologia, a intencionalidade é entendida como a direção para compreender o mundo. É pela intencionalidade da consciência que as ações humanas são providas de significado. A consciência intencional atribui sentidos para os objetos. (Merleau-Ponty, 1999; GUIMARÃES, 2009; MASINI, 1989)

Para o desenvolvimento do presente estudo, recorre-se à Fenomenologia como aporte teórico-metodológico, tendo em vista os contornos do fenômeno aqui investigado, tateado. Por seu caráter subjetivo, focado nas experiências e percepções do ser, essa abordagem possibilita a construção de um olhar sensível acerca da dimensão educativa da mídia no que tange à problematização da questão da morte. É por meio de uma percepção fenomenológica de vida que se propõe a pensar a morte e as formas de abordá-la no escopo de campos educativos específicos.

Enquanto instrumento de investigação empírica, o método fenomenológico fornece um arcabouço de técnicas que permitem ao pesquisador apreender os nuances do fenômeno investigado, a partir das significações atribuídas pelos sujeitos da pesquisa. Isso, logicamente, não sem uma constante interrogação do objeto e da própria percepção e inferências. Este ensaio compreende uma pesquisa estritamente bibliográfica que, nessa instância, exclui a abordagem empírica. Portanto, aqui se privilegia a postura de pesquisador fenomenológico que se debruça de modo exploratório sobre um determinado objeto, o concebe como fruto de construção humana, coletiva e individual, intencionando interpretá-lo. Nas palavras de Castro e Gomes (2011), “No exemplo da fenomenologia, de modo geral, a racionalidade se faz presente na mediação entre o que é dado como referência e o que é tomado como significado” (p.155).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por se tratar de uma pesquisa estritamente bibliográfica que compõe uma pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento, não serão aqui apresentados e nem problematizados “resultados” de um ponto de vista objetivo. Entretanto, a pesquisa bibliográfica, em si, possibilita a construção de reflexões pertinentes no sentido de uma compreensão acerca do fenômeno em questão. Segue o referencial teórico desenvolvido para a elaboração do presente artigo.

### **A MORTE INTERDITA X A MORTE ESCANCARADA**

Nas últimas décadas, muitos estudiosos têm se dedicado ao estudo da morte, a partir de vários vieses, revelando um esforço no sentido de re-humanizar este processo, antes de tudo, natural e inevitável. No decorrer do tempo, o ser humano foi desenvolvendo diferentes formas de lidar com a morte, por meio de práticas

culturais, sociais e individuais, objetivas e subjetivas, que variam de acordo com o espaço e o tempo.

A morte representa um fenômeno desconhecido, enquanto experiência individual e, ao mesmo tempo, inegavelmente presente em todos os contextos humanos, em alguns, mais do que em outros. Ao mesmo tempo em que constitui a única vivência concreta, na forma de certeza inexorável, somos educados culturalmente para evitar a abordagem e problematização desta questão. Por configurar algo que nunca poderá ser experienciado de fato, a morte nos confronta com a limitação e com a fragilidade humanas, em que a finitude da base corpórea põe fim concreto à totalidade do ser.

Os estudos sobre a morte como evento psicossocial desvelam como esta tem sido concebida no decorrer da história da humanidade, até chegar à atualidade, onde é tratada com reservas e considerada um interdito. Procura-se evita-la a qualquer custo, por representar sinônimo de fracasso num mundo direcionado para o sucesso (KOVÁCS, 2005). Desse modo, a morte não encontra espaço para ser vivenciada e nem abordada de forma saudável, estando os indivíduos fadados a negá-la e, ao se fazer este movimento de negação, silencia-se a voz dos que estão em processo de morrer e ou dos que veem perecer um ente querido.

A partir de um minucioso resgate histórico da morte no Ocidente, o historiador Philippe Ariès (1914-1984) constata que os constructos acerca desse fenômeno foram mudando consideravelmente no decorrer do tempo, nas e pelas transformações sociais. Na Idade Média, a morte possuía um caráter de evento social, na forma de um processo vivenciado coletivamente e marcado por rituais de passagem específicos e essenciais àquela maneira de encarar a finitude. O moribundo era um participante ativo do seu processo de morrer, a partir do qual era possível ritualizar e simbolizar todos os momentos que antecederiam a morte propriamente. A família e a comunidade de um modo geral acompanhavam, contemplativas, esse processo, num movimento de aceitação, resignação e devoção diante do fim derradeiro que, via de regra, se dava em casa. (ARIÈS, 2012)

Com o passar do tempo, a sociedade ocidental passou a desenvolver e a valorizar práticas higienistas que, gradualmente, relegaram a morte a um estatuto de “impura” “foco de infecção”. Assim, a morte foi sendo transferida para o ambiente hospitalar, onde fica isolada da comunidade e onde é impedida grande parte dos rituais, que antes marcavam esse momento.

Klüber-Ross (2008) afirma que pacientes em cuidados paliativos, para os quais nenhum tratamento mais será profícuo, têm vivenciado o processo de morrer de forma despersonalizada. Tal afirmação é endossada pelo fato de que atualmente a morte ocorre, em sua maioria, no interior frio de instituições hospitalares e não mais no aconchego recôndito do lar, como fora outrora. Considerando que grande parte dos profissionais de saúde não se encontra preparada para lidar com a questão da morte, o hospital reforça a percepção da autora de que a morte neste contexto é solitária e desumana. Nesse processo, muitas vezes, a dimensão humana acaba sendo desconsiderada, de modo que o assujeitamento do ser, eleito à categoria de paciente, é frequentemente constatado nas práticas hospitalares. Desse modo, no

cenário atual, o hospital representa, por excelência, a instituição de promoção e recuperação da saúde. Lugar de tratamento de doenças para o restabelecimento da saúde e prolongamento da vida, bem como de formação e acúmulo de saber médico. Dessa maneira, não é difícil concluir o quanto a morte desafia os objetivos de uma instituição direcionada para a cura. Assim, a morte constitui-se num infortúnio bastante inconveniente, que quando não é vencido, precisa ser negado ou, pelo menos, silenciado.

Em contrapartida, curiosa e paradoxalmente, coexiste com a “morte interdita”, a “morte escancarada” no cenário contemporâneo. Nas palavras de Kovács (2012):

Morte escancarada é o nome que atribuo à morte que invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora. (...) Exemplifico a morte escancarada com duas situações: a morte violenta das ruas, os acidentes e os homicídios; a morte veiculada pelos órgãos de comunicação, mais especificamente pela TV. (KOVÁCS, 2012, p.147)

Sendo esta última forma de “morte escancarada” a que mais nos interessa, aqui, face ao tema proposto, cabe indagar sobre o lugar da morte numa sociedade e contexto histórico em que é deliberadamente negada e, ao mesmo tempo, estampada nos mais diversos meios midiáticos. Será esta maneira de enfrentar o destino inexorável de todos os seres vivos, um dos sintomas de uma sociedade doente? Será este paradoxo apenas mais uma evidência da perplexidade que a morte causa no ser humano? Ou apenas representa mais uma das tantas contradições que permeiam o “humano” e que colocam em cheque a racionalidade do *homo-sapiens*? Esses e tantos outros questionamentos acompanham qualquer reflexão em torno desse tema tão intrigante, incógnito e insólito para a maioria das pessoas.

## **A MÍDIA E SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO DO SER – A DIMENSÃO EDUCATIVA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA**

No último século, especialmente nas últimas décadas, a humanidade acompanhou uma explosão de novos recursos midiáticos, recursos estes que reconfiguraram e redimensionaram práticas sociais, nos mais variados aspectos. Trata-se de: “(...) uma verdadeira “revolução tecnológica”, decorrente do avanço técnico nos campos das telecomunicações e da informática, colocando à disposição da sociedade possibilidades novas de comunicar e de produzir e difundir informação”. (BÉVORT E BELLONI, 2007, p.1091). Com o advento das chamadas novas tecnologias, os indivíduos reorganizaram (e não cessam de reorganizar) seus modos de existência, conferindo assim, novos sentidos a experiências, dentre elas, a morte evidentemente.

Fischer (2007) assinala que nosso presente é constantemente atravessado pelas mídias, especialmente a internet e a televisão. Tais meios tem incorporado,

cada vez mais, um caráter educativo, à medida que criam narrativas e desenvolvem uma seleção de conteúdos a serem veiculados e endereçados a determinados tipos de público. A partir disso, prescrevem modos de fazer, de perceber, de sentir, de viver, de morrer... A interface mídia-educação representa um árduo campo, demandando uma análise apurada e crítica, configurando uma necessidade premente, numa realidade social cada vez mais influenciada pelas tecnologias de comunicação e de informação, que produzem reflexos inclusive sobre as formas de transmissão da cultura e do saber acumulado ao longo da história da humanidade. Daí a necessidade imprescindível de considerar a dimensão educativa da mídia. “É esse presente, com todas as suas metáforas, ícones, modos de simbolizar nossas experiências mais diversas, que opera em nós, acionando memórias, construindo e reconstruindo um jeito de entender o que seria nossa história, pessoal e social” (FISCHER, 2007, p. 295).]

Inegavelmente, as mídias fazem parte ativa da cultura contemporânea, já que tecem códigos culturais a serem compartilhados de modo globalizado e orientados para diferentes finalidades – informativa, estética, comercial, publicitária, educativa, dentre outras. Para Bévort e Belloni (2007) atualmente, na cultura, as mídias desempenham papel gradualmente mais importante, de modo que a sua apropriação torna-se indispensável para o exercício da cidadania. Assinalam ainda que:

Também é preciso ressaltar que as mídias são importantes e sofisticados dispositivos técnicos de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações. (BÉVORT E BELLONI, 2007, p.1083)

Vale atentar para o fato de que as mídias, em suas diversas formas de expressão e difusão, tornam-se cada vez mais presentes – na forma de onipresença mesmo – no cotidiano das pessoas, transformando-se em dispositivos imprescindíveis ao que poderíamos chamar de “sobrevivência social”. Desenvolve-se, nesse processo, uma progressiva dependência das tecnologias de informação e comunicação.

## **A EXPOSIÇÃO DA MORTE NA MÍDIA X A NEGAÇÃO DA FINITUDE**

Dentre os veículos mais difundidos e acessíveis estão a televisão e a internet, ambos com um forte apelo imagético, uma vez que caracterizam-se como recursos audiovisuais. A captação da realidade transmitida ou representada se dá de modo extremamente intenso, através de imagens, provocando emoções e acionando mecanismos cognitivos de assimilação. Assim, “(...) na sociedade pós-moderna, a realidade é filtrada pelos meios de comunicação, em especial a televisão, e o homem

acaba por perder a distinção entre o real e a ficção, uma vez que a mídia trabalha com a representação do real.” (BILL, 2010, p.2).

Ainda para essa autora, seguindo a tendência contemporânea de aceleração, velocidade e variedade da informação, as mídias em geral e em especial a televisiva, na ânsia de apresentarem a “notícia” ao telespectador com o máximo de rapidez, acabam por veicular imagens fantásticas e impactantes, o que confere uma áurea de “espetáculo” aos noticiários. Nesse cenário, a morte é lugar-comum, compondo grande parte da programação. Com a supervalorização de imagens e acentuada dose de “dramaticidade” cativa-se o público e garante-se a audiência.

Este tipo de informação ativa mecanismos psicológicos responsáveis pela repressão e negação de determinados conteúdos, tidos como “proibidos” socialmente. Trata-se “(...) do mal que existe no interior de cada pessoa, sempre em conflito com o bem (...) e da perversidade do ser humano e sua necessidade de testemunhar acontecimentos trágicos”. (FERRÉS,1996: 171).

Tais mecanismos são da ordem do inconsciente, de modo que o demasiado interesse do público pela tragédia passa longe de qualquer tipo de racionalização. Assim, o ser humano parece não se dar conta de que ninguém está livre de eventos trágicos, mas que, ao nos depararmos com a tragédia do outro, sentimo-nos aliviados e seguros.

## CONCLUSÕES

Abordar a questão da morte é sempre tarefa árdua e desafiadora. Analisá-la à luz dos atuais dispositivos midiáticos, torna a morte um tema ainda mais intrigante, uma vez que evidencia um paradoxo insolúvel, que foge à racionalidade: de um lado, a morte interdita, negada, rechaçada; de outro, a morte escancarada nos diversos meios midiáticos.

É inegável a influência educativa da mídia nos processos subjetivos e sociais, destacando-se como um importante agente educativo contemporâneo, à medida que desempenha papel preponderante na construção das identidades. Desse modo, a morte, enquanto fenômeno subjetivo e social, é atravessada pelos variados veículos midiáticos, os quais apresentam ideais de beleza, estilos de vida e de comportamentos que caracterizam o ser na contemporaneidade. Lembrando que nesse ideal moderno, a juventude é valorizada, enquanto que o envelhecimento e a morte são protelados a qualquer custo. Além de difundir esses ideais, a mídia também apresenta a morte de modo desordenado e abundante, no intuito de explorar o potencial mercantil que ela pode incorporar, já que a indústria funerária constitui um significativo nicho de mercado atualmente. Desse modo, a morte passa a ser banalizada e não refletida, discutida, pensada. Nessa dinâmica, não se proporciona espaços para a elaboração psíquica saudável desse evento.

Nessa perspectiva, cabe salientar o quanto o “consumo” desenfreado de informações trágicas revela a curiosidade humana pela morte e, em última instância, aponta para a necessidade, também humana, de se confrontar com a sua finitude.

Admitir a mídia como poderoso meio educativo, significa considerar que os meios midiáticos prescrevem modos de lidar com a morte, porém, sem instrumentalizar reflexivamente os seres. Assim sendo, a mídia nos ensina como conceber a morte e como enfrentá-la (ou não), dado seu caráter educativo.

Diante do exposto, pouco se infere e muito se abre de possibilidades de análise, especialmente no que concerne aos desdobramentos da mídia sobre a subjetividade humana. Vale assinalar que a “invasão” midiática parece se traduzir num fenômeno irreversível, cujo alcance é inegável e inesgotável. Uma vez considerada seu poder, cada vez mais abrangente, cabe apontar a mídia – em suas diversas manifestações – como um possível veículo de abordagem e problematização da morte em todas as suas dimensões, a fim de instrumentalizar os seres humanos para lidarem de modo mais sadio com esse derradeiro e inevitável evento, ao qual nenhum ser vivo pode fugir.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.** v.30, n.109, p. 1081-1102. Campinas, 2009.

BILL, B.G. Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno. **BOCC- Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2010. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=1846>, acesso em 05/08/2016.

COELHO JÚNIOR, N. **Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência**. São Paulo: Escuta, 1991.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2013.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.35, 2007.

KOVÁCS, M.J.. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**. 25(3), p.484-497, Brasília, 2005.

KLÜBER-ROSS, E.. **Sobre a morte e o morrer**. 9ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MASINI, E.F.S. Enfoque Fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

GIOCAIA JUNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**. 38(1), p.13-19. Ribeirão Preto, 2005.



**ABSTRACT:** The present work proposes to problematizing the question of death in the media, in order to highlight the paradox that this relationship makes to emerge: on the one hand, the denial of death expressed in the absence of spaces for its effective questioning; On the other, the banalization of death from the overexposure in the most diverse means media. In this sense, it is also worth reflecting on the educational character that media vehicles incorporate in the contemporary, which leads to the assumption that such devices strongly influence the way modern man deals with death. It is a strictly bibliographical research, which integrates part of the theoretical reference – in development – of the master's research entitled "Education for Death in the hospital as a strategy of humanization in health". Phenomenology is used as a theoretical-methodological contribution, believing that such an approach makes it possible to explore human phenomena in its most peculiar and essential aspects. Phenomenology points to a totally original man-and-World vision, from which man and world make up a whole, and the perception is considered to be a backdrop for all human phenomena and as a bridge between being and the world. Research, still under development, does not allow inferences or "results". Before, it encourages incessant questions, among which, the educational character of the media in the questioning of death and its implications, while corroborating for a convergence between education and technologies, as axes of the same process of Teaching-learning and between life and death as two poles of the same existence.

**KEY WORDS:** Death; Media; Communication; Education.

## Sobre os autores:

**Adair José dos Santos Rocha** Professor da Escola Superior Dom Helder Câmara. Graduação em Pedagogia Orientação Educacional pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [adair.jose@domhelder.edu.br](mailto:adair.jose@domhelder.edu.br)

**Ademar Maia Filho** Graduação 1: Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Graduação 2: Tecnologia em Recursos Hídricos / Saneamento Ambiental pelo Instituto Centro de Ensino Tecnológico - Instituto CENTEC; Especialização em Educação Ambiental pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Mestrando do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER) da Universidade Federal do Cariri (UFCA); (URCA). E-mail: [ademarfilho\\_9@hotmail.com](mailto:ademarfilho_9@hotmail.com)

**Ana Maria de Oliveira Paz** Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Membro do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN); Graduação em Letras pela UFRN; Mestrado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN); Doutorado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), Vinculada ao Grupo de Pesquisa Letramentos e Contemporaneidade – PPgEL/UFRN; E-mail para contato: hamopaz.hamopaz@hotmail.com

**Angela Morais da Silva** Psicóloga da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, lotada no Hospital Regional do Sudoeste Walter Alberto Pecòits – Francisco Beltrão-PR, desde 2011. Atuou, por 6 anos como professora colaboradora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão-PR. Graduação em Economia Doméstica pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí; Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; E-mail para contato: [angelynhamorais@gmail.com](mailto:angelynhamorais@gmail.com)

**Antonio José Araujo Lima** É natural de Buritirana – MA. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Especialista em Ludopedagogia e Pedagogia Hospitalar pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais (INTERVALE) e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UFMA.

**Ariane Crociari** Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara. Mestranda em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara; Pesquisadora do Grupo de estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização UNESP. E-mail para contato: [arianecrociari@hotmail.com](mailto:arianecrociari@hotmail.com)

**Célia Sousa** Docente Adjunta do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IQ/UFRJ); Graduação em Química industrial pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Medicina veterinária pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); Mestrado em Físico-Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (DFQ/ IQ/ UFRJ); Doutorado em Engenharia Metalúrgica e de Materiais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/ UFRJ); Pós-doutorado no Laboratoire Interfaces et Systèmes Electrochimiques (LISE/ UPMC-Fr) e no Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH/ Fiocruz); Idealizadora, pesquisadora e Coordenadora do GIEESAA/IQ/UFRJ; E-mail para contato: [sousa@iq.ufrj.br](mailto:sousa@iq.ufrj.br)

**Ciro de Oliveira Bezerra** Professor da Universidade Federal de Alagoas - UFAL; Graduação em CIÊNCIAS ECONÔMICAS pela Universidade FEDERAL FLUMINENSE; Mestrado em EDUCAÇÃO pela Universidade FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; Doutorado em SOCIOLOGIA pela Universidade FEDERAL DE PERNAMBUCO; Grupo de pesquisa: SOCIOLOGIA DO TRABALHO PEDAGÓGICO, CURRÍCULO E FORMAÇÃO HUMANA – UFAL E-mail para contato: [ciro.ufal@gmail.com](mailto:ciro.ufal@gmail.com)

**Cláudia Madrona Moreira Haas** Professora da Escola Superior Dom Helder Câmara. Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

**Dagmar Santos Roveratti** Possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Agronomia pela ESALQ - USP e doutorado em Saúde Ambiental - USP. É professora em Regime de Tempo Integral do Centro Universitário Fundação Santo André, ministrando disciplinas relacionadas às áreas de Botânica, Ecologia e Pesquisa; membro integrante do conselho editorial da Revista RadarScientia; escritora e consultora do Instituto de Prevenção, Saúde e Sexualidade; revisora de textos técnicos para a Editora Moderna. Foi assessora técnica do Projeto Arandú-Porã (Seleção Pública Petrobras Ambiental 2006). Tem experiência nas áreas de Botânica, Meio Ambiente e Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: plantas medicinais, plantas tóxicas, etnobotânica, arborização urbana, invasão biológica; educação ambiental, saúde ambiental.

**Danielle dos Santos Costa** Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, *Campus* Santa Maria da Boa Vista; Graduação em Letras – Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

**Deliane Macedo Farias de Sousa** Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco – UPE. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Membro do grupo de pesquisa (CNPq) Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE – CELLUPE; e-mail: [delianemfs@gmail.com](mailto:delianemfs@gmail.com)

**Elaine Viviane da Silva.** Docente da Escola Técnica José Humberto de Moura Cavalcanti; Enfermeira Assistencial Hospital Regional José Fernandes Salsa; Graduação: Uninassau; Especialista em Ensino em Enfermagem; Especialista em Saúde Pública e das Comunidades; Email: [evivi2@yahoo.com.br](mailto:evivi2@yahoo.com.br).

**Francisco José Figueiredo Coelho** Docente I de Ciências e Biologia da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ); Coordenador e Docente colaborador na disciplina Educação, Drogas e Saúde nas escolas do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ); Licenciado em Ciências biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ); Mestrado em Tecnologia Educacional para as Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ); Doutorando em Ensino de Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ); Pesquisador colaborador e Coordenador de GT do Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) - Departamento de Físico-Química, Instituto de Química. E-mail para contato: [ensinodeciencias.ead@gmail.com](mailto:ensinodeciencias.ead@gmail.com)

**Francisco Mário de Sousa Silva** Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri- UFCA; Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri- UFCA; Grupo de Estudo e Pesquisa em Estudos Regionais, História da Educação e Políticas Educacionais- URCA; Laboratório de Estudos Avançados em Desenvolvimento Regional Sustentável- LEADERS/UFC; Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico- FUNCAP ; E-mail: [fcomariojrnl@yahoo.com.br](mailto:fcomariojrnl@yahoo.com.br)

**Gabriela Gerlaine Tabosa da Silva.** Supervisora de Nutrição Clínica Rede D' Or São Luiz, Hospital Esperança São Marcos; Graduação: Uninassau ; Especialização em Saúde Pública com ênfase em PSF; E-mail: para contato: [nutri.gabrielatabosa@hotmail.com](mailto:nutri.gabrielatabosa@hotmail.com).

**Geovânia da Silva Toscano** Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN; Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN; Professora da Universidade Federal da Paraíba-UFPB; Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN; Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Rio Grande do Norte-UFRN; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Ensino-UFPB

**Germana Lima de Almeida** Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Bolsista da Fundação Coordenação Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Giseli Monteiro Gagliotto** Professora da Universidade UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste Do Paraná; Graduação em Psicologia pela Universidade UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; Graduação em Pedagogia pela Universidade UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina; Mestrado em Psicologia pela Universidade UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; Doutorado em Educação pela Universidade UNICAMP/SP; Pós Doutorado em Psicologia pela Universidade UNIDEP - Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento, do Instituto Universitário da Maia – Portugal; Grupo de pesquisa: É líder do Laboratório e Grupo de Estudos e Pesquisas: Educação e Sexualidade - LABGEDUS-CCH/UNIOESTE, coordenando a linha de pesquisa intitulada Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre Infância, Sexualidade e Educação Sexual e sua importância para a formação docentes;

**Haroldo Moraes de Figueiredo** Professor Adjunto I, do Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco; Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Coordenador Pedagógico do projeto de extensão intitulado “Educação Física e Cultura de Movimentos para Alunos com Deficiência”;E-mail para contato: haroldolaboral@hotmail.com

**Isabel Joane do Nascimento de Araujo** Licenciada em biologia pelo Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN, Campus Macau,. Email: isabel-araujo84@hotmail.com

**Jaqueline Tubin Fieira** Professora da Universidade UNISEP – União de Ensino do Sudoeste do Paraná; Graduação em Psicologia pela Universidade UNIBAN – Universidade Bandeirantes de Ensino; Mestrado em Educação pela Universidade UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Grupo de pesquisa: Grupo de Estudos e Pesquisas: Educação e Sexualidade, LABGEDUS-CCH/UNIOESTE, na linha de pesquisa intitulada Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre Infância, Sexualidade e Educação Sexual e sua importância para a formação docentes; E-mail para contato: [jakefieira@hotmail.com](mailto:jakefieira@hotmail.com)

**Kelyana da Silva Lustosa** Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande; Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Campina Grande; Bolsista Demanda Social pela Fundação CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; E-mail para contato: kelyanalustosa@gmail.com

**Klébia Ribeiro da Costa** Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Natal e do Ensino Superior da Faculdade Estácio de Natal; Graduação em Letras (UnP) e em Pedagogia (UFRN); Mestrado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN);

Doutorado em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN) – em curso; Vinculada ao Grupo de Pesquisa Letramentos e Contemporaneidade – PPgEL/UFRN; E-mail para contato: klebiaribeiro@yahoo.com.br

**Lara Colognese Helegda** Professor Adjunto I, do Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco; Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC); Bacharel em Fisioterapia pelo Centro Universitário Metodista (IPA); Mestrado em Engenharia Elétrica com ênfase em Engenharia Biomédica pela PUCRS; Doutorado em Ciências da Saúde pela PUCRS; Coordenadora Gestora do projeto de extensão intitulado “Educação Física e Cultura de Movimentos para Alunos com Deficiência”; E-mail para contato: laracognese@yahoo.com.br

**Laura Santos de Oliveira** Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail para contato: laura1@hotmail.com

**Luciene Peixoto da Silva.** Acadêmica do Curso de Nutrição- Uninassau. Email: luciene\_pds@yahoo.com.

**Luísa Ameduri** Formada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2016). Sempre foi apaixonada pela vida em todas as suas formas e especialidades. Despertou seu interesse pela botânica quando auxiliou nas pesquisas de campo para estudo de mestrado que analisou a interação ecológica entre cactaceae e aranhas, na Reserva do Alto da Serra de Paranapiacaba (2013). Em 2014 teve a oportunidade de trabalhar em campo com diagnóstico e risco de queda de árvores, junto do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em um projeto de arborização no município de Mauá-SP. Tem grande interesse em continuar seus estudos em arborização urbana, ciências florestais, recuperação de áreas degradadas e conservação do meio ambiente. Email: luisa.ameduri@gmail.com

**Luiz Fernandes da Costa** Professor da Faculdade Machado de Assis – FAMA; Graduação em Matemática Plena pelas Faculdades Integradas Campograndenses (FIC); Mestrado em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Doutorando em Epistemologia e Ciências pela Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF – Buenos Aires – Argentina); E-mail para contato: [luiz.fernandes2008@hotmail.com](mailto:luiz.fernandes2008@hotmail.com)

**Luiza Maria Valdevino Brito** Docente da Secretaria de Educação Básica do Ceará- SEDUC; Graduação: Licenciatura Biologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Especialização em Ecologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Mestranda do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER) da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Grupo de Pesquisa em Agroecologia e Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri (UFCA); E-mail: luizavbrito@yahoo.com.br

**Luzenilda da Silva Emiliano** Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL E-mail para contato: luzenildaemiliano@hotmail.com

**Marcelo Manoel Melo de Lima** Acadêmico do Curso de Licenciatura em História/EAD pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail para contato: marcelolimaom@hotmail.com

**Marcia Cristina Argenti Perez** Docente e pesquisadora da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras UNESP FCLAr. Membro docente do Programa de Pós Graduação em Educação Sexual na UNESP FCLAr. Líder do Grupo de estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização UNESP CNPq. Graduada em Pedagogia pela UNESP FCLAr. Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo, USP FFCLRP. Doutora em Ciências, concentração em Psicologia pela Universidade de São Paulo, USP FFCLRP. Email: [marciacap@fclar.unesp.br](mailto:marciacap@fclar.unesp.br)

**Maria Ayrilles Macêdo** Graduação em Psicologia Pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO); Pós–Graduada na Modalidade Residência em Saúde da Família e Comunidade pela escola de Saúde Pública do Estado do Ceará; Mestranda do Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER) da Universidade Federal do Cariri (UFCA); E-mail: ayllesmacedo@hotmail.com

**Paulo Augusto de Lima Filho** Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado e Doutorado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: paulo.filho@ifrn.edu.br

**Priscila Tamiasso-Martinhon** Docente Adjunta do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IQ/UFRJ); Bacharelado e Licenciatura em Química pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestrado e Doutorado em Físico-Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (DFQ/ IQ/ UFRJ); Pós-doutorado no Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS/ Fiocruz) e no Laboratoire Interfaces et Systèmes Electrochimiques (LISE/ UPMC-Fr); Pesquisadora e Coordenadora de GT do GIEESAA/IQ/UFRJ; E-mail para contato: [pris@iq.ufrj.br](mailto:pris@iq.ufrj.br)

**Raphael Mota Guillarducci** Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) com período sanduíche na California State University (CSU). Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisador do Núcleo de Estudos – Tempos, Espaços e Educação Integral (Neephi/UNIRIO). Contato: rhmguila@gmail.com

**Ronaldo Silva Júnior** É natural de São Luís – MA. Graduado em Direito pela Universidade Ceuma (UNICEUMA), Especialista em Direito Penal e Direito do Consumidor pela Universidade Estácio de Sá. Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Pinheiro.

**Thays Rosa do Nascimento** Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail para contato: thaysrosa22@gmail.com

**Zuleide Fernandes de Queiroz** Professora da Universidade Federal do Cariri- URCA; Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte- FMJ; Faculdade de Juazeiro do Norte- FJN. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará- UFC; Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC ; Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC ; Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN ; Grupo de Estudo e Pesquisa em Estudos Regionais, História da Educação e Políticas Educacionais- URCA



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-86-8



9 788593 243868